

**Recensão do artigo de: Júlio César Bresolin Marinho;
Grasiele Ruiz Silva & João Alberto da Silva. *Planejamento
Cooperativo como método de investigação da sala de aula.*
*In: Revista Eletrônica de Educação, v.9, n.1, 2015, pp.120 -
135.***

Josefina Marília R. Caetano Ferrete¹

fina.ferrete01@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O artigo, publicado em 2015 pela Revista Eletrônica de Educação, é resultado de uma estratégia de investigação desenvolvida e aplicada pelos autores do artigo, a partir de críticas feitas às metodologias de investigação usadas na área da educação, mais concretamente nas escolas, e das experiências dos mesmos enquanto investigadores. Júlio Marinho é doutorando e Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - Associação Ampla entre UFRGS/UFSM/FURG. Licenciou-se em Ciências Biológicas (Universidade Federal do Pampa) e integra o Núcleo de Estudos em Epistemologia e Educação em Ciências (NUEPEC/FURG). É Professor de Ensino de Ciências na Universidade Federal do Pampa, e Coordenador Substituto do Curso de Especialização em Educação em Ciências.

Grasiele Silva também é Mestre em Educação em Ciências e Licenciada em Física pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, tendo como linha de pesquisa Educação científica: processos de ensino e aprendizagem na escola, na universidade e no laboratório de pesquisa. Trabalha na Faculdade Anhanguera do Rio Grande, como professora adjunta dos cursos de Engenharia.

João da Silva é pós-doutorado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio Grande nos cursos de Licenciatura e nos

¹ Doutoramento em Ciências da Linguagem - Didática de Ensino de Línguas (1.º ano).

Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Lidera o Núcleo de Estudos em Epistemologia e Educação em Ciências (CNPq/FURG/UNIPAMPA/UFPR) e o GEEMAI - Grupo de Estudos em Educação Matemática nos anos iniciais (CNPq/FURG/UFPe). Gerencia Convênios de Cooperação Internacional do Brasil, financiados pela CAPES/AULP, com Moçambique e com o Cabo Verde para formação de professores em Ciências e Matemática. É Consultor do MEC/INEP para avaliação de cursos graduação (SINAES) e para elaboração de itens para a Prova Brasil de Matemática (SAEB), Prova Nacional de Acesso à Carreira Docente e Avaliação Nacional da Alfabetização. Integra a Comissão de Assessoramento Didático-Pedagógico na área de Matemática e suas Tecnologias da Diretoria de Avaliação da Educação Básica do INEP. Todos eles são pesquisadores na área da educação, com vários artigos publicados em revistas e comunicações apresentadas em congressos.

Na primeira parte do artigo, intitulada "O contexto das ações de investigação na Universidade e na Escola", os autores apresentam as críticas feitas às pesquisas desenvolvidas por Garcia(2011), Follari (2011), Soares (2011) e Moreira (2011), no âmbito da Educação Básica. São apresentadas várias críticas, como, por exemplo, a falta de articulação, interação e diálogo entre a escola e as universidades, uma vez que, de acordo com os autores, "... é possível notar um relativo distanciamento entre atividades de ensino realizadas na Educação básica e as práticas de pesquisa e investigação empreendidas no âmbito universitário" (p. 121). Eles não se limitam só a apresentar essas críticas como também as contextualizam e as explicam, ao afirmarem que estes problemas se devem, em parte, ao facto de a hierarquia do sistema colocar os graus anteriores "... como propedêuticos para os superiores, mas sem o compromisso inverso." (*ibidem*).

Assim, os autores entendem que uma forma de superar esse distanciamento é "... organizar atividades de interlocução entre a Universidade e a Educação Básica", e vêem a pesquisa como uma forma de fomentar a "... cooperação entre ambas." (p.122). Para eles, as actividades de interlocução vão permitir um maior contacto entre o pesquisador e a realidade e, assim, romper com a visão tradicional da pesquisa em que a escola básica e os professores são objecto de estudo porque segundo eles e com base na análise que fazem sobre o que Werle (2012) considera da interlocução, a interlocução vai permitir o contacto entre o pesquisador e a realidade escolar.

Na segunda parte deste artigo ("Possibilidades de interlocução pela investigação"), os autores apresentam e explicam algumas possibilidades de interlocução pela investigação como uma das formas de evitar as pesquisas unidireccionais.

Eles justificam a sua escolha afirmando que a escola é um espaço muito complexo, obrigando o pesquisador a pensar em vários casos ao mesmo tempo, por isso assumem que "... pesquisas sobre e com a Educação Básica levam à necessidade de trabalhos em grupo e voltados para a modalidade de consórcio". (Silva, Marinho & França, 2013, *apud* Marinho, Silva & Silva, 2015: 123). Para eles, esta modalidade permite ter diferentes olhares sobre o mesmo assunto e, além de envolver o pesquisador, implica também os professores e os alunos que são parte integrante do todo o processo e vivem a realidade. Permite também uma visão e análise mais alargada do assunto. A interlocução é que vai permitir isso, pois ela permite a "... reflexão coletiva e cooperativa na coleta e análise de dados" (p. 122).

Os autores chamam a atenção para o facto de esta modalidade de pesquisa se fundamentar na pesquisa participante, pois, "... a pesquisa participante procura fazer com que o grupo envolvido no estudo possa identificar os seus problemas, bem como realizar uma análise crítica a fim de procurar soluções". (p. 123), destacando a importância da cooperação na planificação, por ser este o momento em que se levantam muitas questões e dúvidas, sendo, assim, uma fonte de temas ligados ao ensino e à didáctica. A partir do que foi apresentado e dos resultados das pesquisas feitas pelos autores, eles propõem uma variante da pesquisa participante, considerando-a "Investigação-Ação", em que o professor não é só objecto de investigação, mas também investigador, implicando, deste modo, a conversa, o intercâmbio e a busca de respostas não só pela Universidade, mas também pela Escola Básica. Para eles, esta modalidade de investigação envolve a planificação - ação - reflexão, considerando a planificação e a reflexão momentos de trabalhos de grupo, pois é o momento de diálogo. Eles terminam este ponto apresentando um quadro resumo sobre os momentos da investigação-ação e a descrição de cada um dos momentos, baseado em Carr e Kemmis (1988).

Na terceira parte ("Planejamento Cooperativo: características gerais"), os autores apresentam de forma breve as características da planificação cooperativa, afirmando que "... refere-se a uma atividade coletiva que reúne pesquisadores e professores a fim de discutir modos de criação de situações didáticas"; "... é uma forma elaborada para atender os anseios de compreensão das situações didáticas e de contexto de sala de aula." (p.125), reiterando que este método é um instrumento poderoso para "...promover a articulação da Universidade com a Escola de Educação Básica." (*ibidem*).

Relacionando o "O Planejamento Cooperativo" com os métodos de colecta de dados, em que a observação é o instrumento mais privilegiado, estes pesquisadores consideram que neste a problematização da temática em grupo seguida de uma discussão para "...elaboração coletiva de

abordagens metodológicas." é o primeiro momento considerado importante, mostrando que o papel do pesquisador é de estimular a equipa. Mais adiante, os autores chamam a atenção para as vantagens deste método, afirmando que permite o acompanhamento das práticas nos diferentes momentos (planificação, execução) e uma reflexão sobre o que foi planificado.

Na última parte do artigo, subordinado ao tema "Planejamento Cooperativo: a estruturação do método", os autores apresentam os diferentes momentos da planificação cooperativa que, para além da planificação, devem ocorrer: "(1) Discussões iniciais; (2) Questionamentos; (3) Organização da ação; (4) Ação didática; e (5) Avaliação e autoavaliação didática". (p. 127). Destaca-se o papel do professor, pois é a partir das ideias dos professores e do que dizem das suas práticas que o pesquisador "... aprofundar-se cada vez mais nas compreensões dos professores." (*ibidem*).

É importante referir que os autores descrevem de forma detalhada e com exemplos retirados das pesquisas anteriores cada um dos momentos. Ao planificar de forma cooperativa, o professor confronta as diferentes práticas e decide sobre a melhor prática.

Concluindo, este artigo é de leitura obrigatória para os que fazem pesquisa em sala de aula, para os formadores de professores e para os fazedores dos programas de ensino porque, para além de chamar a atenção para uma nova forma de pesquisa na educação, mais concretamente no ensino básico, como podemos ver pelo título, *Planejamento Cooperativo como método de investigação da sala de aula*, ajuda a encontrar formas de implementar, acompanhar e avaliar o processo de ensino. É, pois, também um método de supervisão pedagógica (Vieira & Moreira, 2011) que faz com os professores do ensino básico se sintam parte do processo, reflectam sobre a sua prática, tornando-os investigadores, quebrando com as pesquisas unidireccionais e a falta de articulação entre Universidade e Escola Básica.

A linguagem usada no artigo é clara e objectiva e ao longo do mesmo podemos encontrar exemplos e reflexões de outras pesquisas, o que ajuda, de certo modo, a compreender melhor o texto. Importa referir que o resumo e a introdução foram muito bem elaborados, pois preparam e motivam o leitor para a leitura do artigo. A bibliografia é extensa, mas muito útil.

REFERÊNCIAS

Carr, Wilfred & Kwemmis, Stephen. 1988. *Teoría crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Martínez-Roca.

Vieira, Flávia & Moreira, Maria Alfredo. 2011. *Supervisão e Avaliação do Desempenho Docente: uma abordagem de orientação transformadora*. Cadernos CCAP -1. Lisboa: Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação dos Professores